

EDUCAÇÃO

V.11 • N.2 • Número Temático - 2022

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2022v11n2p59-68



“ANTEPASSADOS MEUS COM OS ACONTECIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS”: ISABEL GONDIM E A ESCRITA DA REVOLUÇÃO DE 1817

“MINE ANCESTORS WITH REVOLUTIONARY EVENTS”: ISABEL
GONDIM AND THE WRITING OF THE REVOLUTION OF 1817

“ANCESTORES MÍOS CON ACONTECIMIENTOS
REVOLUCIONARIOS”: ISABEL GONDIM Y LA ESCRITURA DE LA
REVOLUCIÓN DE 1817

Ane Luíse Silva Mecenas Santos¹
Cristiano Ferronato²

RESUMO

Este artigo objetivo analisar a obra Sedição de 1817 de autoria da professora primária Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim (1839-1933). Trata-se de uma intelectual que se notabilizou pelo exercício do magistério e pela produção bibliográfica, notadamente, peças de teatro, livros de poesias e textos de história. Desse modo, objetiva-se problematizar a construção da concepção de história gestada pela pensadora da história, bem como a sua mobilização da narrativa para a produção escrita passado da nação, em especial do Rio Grande do Norte, de forma inteligível e sensível para os alunos. Foram elencados como fontes centrais a obra “Sedição de 1817” e jornais que versam acerca da dessa produção. Tal livro mobiliza uma reconfiguração da metodologia da história, na qual as memórias familiares são elencadas como recurso para a construção da “verdade histórica”.

PALAVRAS-CHAVE

Isabel Gondim. Sedição de 1817. Memória. Escrita da História.

ABSTRACT

This article aims to analyze the work *Sedition from 1817* by primary teacher Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim (1839-1933). She is an intellectual who is notable for her teaching practice and for her bibliographical production, notably, plays, poetry books and history texts. In this way, the objective is to problematize the construction of the conception of history generated by the thinker of history, as well as her mobilization of the narrative for the written production of the nation's past, especially in Rio Grande do Norte, in an intelligible and sensitive way for students. The work “*Sedition of 1817*” and newspapers that deal with this production were listed as central sources. This book mobilizes a reconfiguration of the methodology of history, in which family memories are listed as a resource for the construction of “historical truth”.

KEYWORDS

Isabel Gondim. 1817 Sedition. Memory. Writing of history.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la obra *Sedición de 1817* de la maestra de primaria Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim (1839-1933). Es una intelectual que se destaca por su práctica docente y por su producción bibliográfica, destacando obras de teatro, libros de poesía y textos de historia. De esta manera, el objetivo es problematizar la construcción de la concepción de la historia generada por el pensador de la historia, así como su movilización de la narrativa para la producción escrita del pasado de la nación, especialmente en Rio Grande do Norte, de una manera inteligible, y forma sensible para los estudiantes. La obra “*Sedição de 1817*” y los periódicos que se ocupan de esta producción se enumeran como fuentes centrales. Este libro moviliza una reconfiguración de la metodología de la historia, en la que se enumeran los recuerdos familiares como recurso para la construcción de la “verdad histórica”.

PALABRAS CLAVE

Isabel Gondim, *Sedição de 1817*, Memoria, Escritura de historia.

1 CAMINHOS DA OBRA E DA AUTORA

Nos idos de 1839, ao sul da província do Rio Grande do Norte, em Parary, nasceu a Isabel Gondim. A prática docente estava presente em sua família, ofício desempenhado por seu pai, Urbano Egidio da Silva Costa Gondim. Paralelo ao trabalho docente e fruto de uma teia de experiência do espaço escolar a autora se dedicou a escrever poesia, peças de teatro, livros escolares e livros de história. Também ocupou cargos em instituições de construção da identidade local, como o Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Alguns pesquisadores dedicaram estudos voltados a trajetória da docente potiguar, ressaltando a sua produção textual, é o caso de Maria Arisnete Câmara de Moraes (2008) e Jacqueline da Silva Revorêdo (2002). No intuito de compreender a compreensão de Isabel Gondim acerca da escrita da História, foi realizado um levantamento

Percebe-se, que na primeira fase de escrita, Isabel Gondim tinha como eixo central de sua reflexão a prática educativa e o papel do ensino primário na sociedade brasileira. Essa dimensão de escrita mudou consideravelmente, no período posterior a sua aposentadora, constituindo a sua fase de maior produção de textos e de uma maior inserção na escrita de textos de teor histórico. Em tempos republicanos, a professora aposentada transmutaria em importante pensadora da história, por meio da produção de livros voltados ao público mais amplo, utilizando-se de linguagens pouco usuais na escrita na história.

Com isso, ela escreveu livros como “Sedição de 1817 na capitania ora estado do Rio Grande do Norte”, escrito em 1892 e somente publicado em 1908. Neste sentido, é possível afirmar que Isabel Gondim integra o grupo dos pioneiros nos fazeres historiográficos no Rio Grande do Norte, ao empreender ainda no oitocentos o seu processo de construção de leituras atinentes ao passado local, juntamente com Manoel Ferreira Nobre (1877) e Manoel Antônio de Oliveira Coriolano (1881). O seu livro foi recebido dessa forma pela imprensa potiguar:

A nossa talentosa e illustrada conterrânea, professora D. Isabel Gondim, acaba de dar a luz da publicidade um bom trabalho histórico sobre a revolução de 1817 neste Estado, então Capitania do Rio Grande do Norte.

É uma bonita brochura de 100 páginas em bom papel, nitidamente impressa, feita nas oficinas da “Gazeta do Commercio. (DIÁRIO DE NATAL, 1908, p. 1).

O livro de Isabel Gondim foi qualificado como “bom trabalho histórico” e enfatizou o fato de ter por escopo a revolução de 1817, a partir das experiências em solo norte-riograndense. Essa assertiva, de alguma forma, denota alguns aspectos que circundavam os fazeres historiográficos no estado ao longo dos primeiros decênios do século XX, como a demanda por narrativas históricas sobre o Rio Grande do Norte e de letrados que pensassem a história. Tratava-se de um contexto no qual os homens de letras da localidade, encontravam-se envolvidos na querela historiográfica e diplomática em relação à questão dos limites.

Dessa querela resultou a criação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, para mobilizar pessoas que pensassem a história e para angariar fontes em acervos que versam acerca da localidade e estivessem custodiados em estados. Um caso exemplar disso foi a comissão integrada por Tavares de Lyra e Vicente de Lemos. Ambos foram à Recife para realizar o levantamento documental (COSTA, 2017). Com o sodalício potiguar, abria-se espaço para a constituição de acervos.

Contudo, apesar de haver o texto elogioso acerca do livro e de elucidar as qualidades da professora primária nos fazeres historiográficos em um contexto marcado pela demanda por história, no qual o estado arregimentava pensadores da história para angariar fontes no enfrentamento da “Questão de Grossos”, Isabel Gondim não foi incluída no seleto grupo de sócios fundadores do sodalício potiguar. Essa ausência é emblemática. Teria sido por uma distinção de gênero nos fazeres historiográficos? Em decorrência de seu estilo de escrita, afeiçoada ao mundo escolar? Ou, ainda, em decorrência de possíveis querelas no âmbito da historiografia norte-riograndense?

Esse é um problema que não apresenta simples solução. Possivelmente, a resposta perpassa por todas as hipóteses aqui aludidas, pois a professora Isabel Gondim teve dificuldades em ser incluída no grupo dos “homens” que pensavam a história na casa da memória potiguar. Luís da Câmara Cascudo, outro letrado que demorou a se tornar sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), ao escrever sobre a história de Natal apresentou alguns indícios sobre a dificuldade enfrentada por Isabel Gondim no processo de diálogo com os pares. Em seu entendimento se tratava de uma professora “isolada, sisuda, sem repercussão, escrevendo até morrer” (CASCUDO, 1980, p. 376).

Trata-se, certamente, de uma assertiva que necessita ser matizada. Primeiramente, no tocante ao fato de ser isolada. Afinal, isolada em relação a quem? É plausível afirmar que se tratava de um isolamento no tocante ao grupo de letrados que se dedicaram aos fazeres historiográficos na cidade de Natal. Apesar de suas inúmeras publicações e, principalmente, da prolífica escrita de manuscritos históricos, somente nos idos de 1929 a pensadora da história se tornaria sócia do IHGRN. Aliás, ela se tornou a mulher pioneira a adentrar os salões do sodalício na condição de sócia, aos noventa anos.

Contudo, isso não comprova um isolamento. Nem tampouco evidencia a possibilidade de inserção das mulheres em associações de produção historiográfica. E a comprovação dessa variante é a própria Isabel Gondim, que desde o final do século XIX era sócia correspondente do prestigiado Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, instituição congênera ao potiguar e onde ela teve ampla inserção, com a realização de conferências e apreciação elogiosa de seus escritos. Certamente, esse diálogo com sócios do sodalício pernambucano já corrobora para invalidar a hipótese de se tratar de uma pensadora da história isolada e sem repercussão. Talvez a descrição de sisuda para a professora possa ser entendida como uma reação às ações que a impediram de integrar às agremiações historiográficas do Rio Grande do Norte.

Pelo visto, ocorreu um amplo esforço no âmbito do IHGRN e dos homens que pensavam a história no Rio Grande do Norte para silenciar no tocante aos escritos de Gondim. Mesmo havendo uma demanda por história e contando com uma mulher que produziu um livro que foi apreciado como “um bom trabalho histórico”, ela não foi elencada para somar esforços na construção de uma historiografia de trincheira na questão dos limites. Mesmo tendo ampla inserção no Instituto de Pernambuco, ela não foi mobilizada para efetivar a heurística acerca de vestígios históricos que comprovassem o direito potiguar de posse ao território.

2 A SEDIÇÃO DE 1817

Por meio do livro “Sedição de 1817”, Isabel Gondim buscou sistematizar um escrito acerca da História do Rio Grande do Norte atrelada aos anseios familiares. Identificou seus antepassados envoltos no véu dos acontecimentos de 1817. Reiterou que com base nas narrativas transmitidas por meio da oralidade e fundantes da tradição familiar, buscou “expurgar dos domínios da incerteza factos históricos que provam, a evidência, o amor que esta pequena terra, em que vi a luz, sempre consagrou a independência da pátria” (GONDIM, 1908, p. 7).

Afilhada de André d’Albuquerque Maranhão, líder potiguar, e para a autora, personagem “heroico da história pátria”, o texto buscou “restabelecer a verdade” dos factos, no qual o método para o ofício estaria embasado nas “palestras familiares”. Memórias às quais Gondim entrou em contato durante a adolescência e que constituem “testemunhos insuspeitos de contemporâneos da época”.

Certamente, não se trata de uma mulher silenciada, sucumbida pela névoa do tempo. Em diferentes temporalidades, Isabel Gondim foi lembrada. Em seu tempo, dialogou com importantes nomes da *intelligentzia* nacional, participou de algumas agremiações culturais e intelectuais, publicou livros e artigos em jornais. Seus livros foram doados para instituições acadêmicas, que por sua vez registravam a recepção em jornais: “registrando a oferta de um volume do poema Brasil, por sua autora, d. Isabel Gondim, sócia correspondente do Instituto” (A PROVÍNCIA, 1913, p. 1).

Além de envolver-se em disputas no concorrido mercado de livros escolares no Brasil republicano, Isabel Gondim também contribuiu para a construção de um espaço destinado às mulheres em espaços institucionais amplamente marcados pela presença masculina. Certamente, o principal espaço conquistado pela professora primária foi no Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, instituição no qual ela já era sócia no início da década de 1880. Ela não apenas se tornou sócia, mas atuou de forma incisiva com preleções, envio de suas publicações e doações de objetos para compor o acervo museológico. Em 1884, foi publicada a notícia na qual “Um dito da Consocia Isabel Gondim, do 15 do corrente, ofertando um retrato do Reverendo João Xavier Damaso, um dos martyres da sedição de 1817, nesta província” (JORNAL DO RECIFE, 1884, p. 1).

Esse conhecimento constituído por meio da oralidade é ao longo do trabalho cotejado com outras fontes, documentos oficiais, os indícios da produção elaborada pelos insurgentes, muitas delas foram destruídas após retorno da administração provincial. Tal tema é apresentado quando a autora se debruça acerca do papel do reverendo João Damasceno Xavier Carneiro, o qual em uma viagem por Acari, havia deixado na localidade alfaias e alguns “papeis reservados sobre o movimento revolucionário” (GONDIM, 1908, p. 173).

Esses papéis serviram como prova apresentada pelo seu amanuense na denúncia de envolvimento do clérigo, com os insurgentes, feita às autoridades monarquistas durante a restauração. A autora aproveita essa passagem, para evidenciar, o que para ela consiste na “verdade” dos fatos, diz que houve um engano e mesmo com tal prova documental busca uma ratificação a qualquer discrepância dos fatos.

A narrativa descreve as paisagens da capitania e as mudanças pelas quais passaram por conta da dinâmica dos acontecimentos. Os espaços passam a constituir também um espaço de memória e para

a autora remonta às tradições incutidas aos familiares dos envolvidos na insurreição, durante a “de-sastrosa época de 1817 a 1820”. É o caso da região da cruz do Ribeiro, um ponto de parada, localizado na estrada real pública que interligava o Rio Grande do Norte a Pernambuco.

Em várias passagens a autora se dedica a relatar a situação dos familiares dos envolvidos, principalmente, as mulheres. Tanto no que diz respeito ao isolamento sofrimento em decorrência de um afastamento social imposto, como na tristeza das visitas aos prisioneiros, invasões aos imóveis das famílias, perseguições e no confisco dos bens.

3 CAMINHOS FINAIS

O tema dessa obra é caro, principalmente, à sociedade pernambucana. Isso é possível mensurar por meio da circulação livro destacado nos periódicos daquele estado no período. Neles são acusados recebimentos de exemplares, como também notas que versam acerca do conteúdo apresentado. A recepção ao trabalho da pesquisadora é referenciada em uma palestra realizada no âmbito do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, como também nos impressos locais:

Accusamos, penhorados, o oferecimento de um exemplar do opúsculo intitulado Sedição de 1817 na Capitania do Rio Grande do Norte, da lavra da escriptora rio-grandense d. Isabel Gondim.

Trata elle, como o indica o seu título, dos acontecimentos que se desenrolaram naquelle Estado do Norte, em consequência da revolução que rompeu em Pernambuco a 6 de março de 1817.

A bem da crítica histórica e de acordo com as informações que colheu e as tradições de família, outr’ora teve como verdade tudo quanto conseguiu apurar d. Isabel Gondim adiciona ao seu trabalho alguns esclarecimentos acerca da malograda revolução de 6 de março naquela Capitania. (JORNAL DE RECIFE, 1908, p. 1)

Desta forma, mesmo não estando no grupo de pesquisadores que vasculhavam os acervos documentais oficiais do país e de sua não participação efetiva nos círculos historiográficos, Isabel Gondim pode ser vista como uma pensadora da história que propôs alguns caminhos para a amplificação do processo de difusão do conhecimento histórico, como a exposição das narrativas do passado em dramas a serem encenados, em poemas ou por meio de memórias familiares.

Por essa perspectiva íntima e voraz, a narrativa histórica pensada por Isabel Gondim era um caminho para evocar o sentimento patriótico e coadunava com as prerrogativas cívico-patrióticas pensadas para o ensino de História nas escolas primárias. A complexidade de um passado temporalmente distante partira de uma realidade próxima, no espaço e no sujeito, respectivamente com o cenário do Rio Grande do Norte e das memórias familiares da própria autora. Se no âmbito da pedagogia moderna o ensino deveria partir do simples para o complexo, do próximo para o distante e do concreto para o abstrato, Isabel Gondim passava uma dimensão complementar desta prerrogativa, partindo do

emotivo para o racional. A sedição de 1817 passou a ser lida a partir das experiências tecidas no Rio Grande do Norte. Um chão que fez história e que passava a adentrar as páginas dos livros de história.

Além disso, os escritos de Isabel Gondim também possibilitam a compreensão de seu esforço de mobilização de diferentes estruturas narrativas para a configuração de sua trama histórica. O passado evocado pela emoção e confirmado pelas memórias de entes familiares insuspeitos ou até mesmo pela autora transmutada em testemunha ocular, revela uma perspectiva de escrita da história muito destoante da premissa na qual o historiador deveria afastar-se do seu objeto, temporal e emocionalmente. Isabel Gondim trilhou um caminho oposto, ao apinhar-se nas veredas familiares para entender a história de sua pátria, enveredando de seus próprios testemunhos. Apesar de seguir caminho oposto da neutralidade, a pensadora da História galgava o mesmo fim de outros profissionais da história de seu tempo: chegar à verdade.

REFERÊNCIAS

A ESCOLA. Pobres professores. **A escola**, revista de educação e ensino, n. 3, p. 107-108, 1877.

A FAMÍLIA MAÇÔNICA. Reflexões a minhas alumnas. **A família maçônica**, n. 10, p. 4, 1 de outubro de 1874.

A PROVÍNCIA. Instituto Archeológico. **A Província**, n. 328, p. 1, 29 de novembro de 1913.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CELSO, Affonso. Excelentíssima Senhora Dona Isabel Gondim. *In*: GONDIM, Isabel. **O sacrifício do amor**: drama em cinco atos. Rio de Janeiro: Typographia Commercial, 1909.

COSTA, Bruno Balbino Aires da. **A “casa da memória norte-rio-grandense”**: o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a construção do lugar do Rio Grande do Norte na memória nacional (1902-1927). 2017. 340f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DIÁRIO DE NATAL. Sedição de 1817. **Diário de Natal**, n. 3414, p. 1, 21 de março de 1908.

GAZETA DE NOTÍCIAS. O sacrifício do amor. **Gazeta de Notícias**, n. 193, p. 3, 12 de julho de 1909.

GONDIM, Isabel. **O sacrifício do amor**: drama em cinco atos. Rio de Janeiro: Typographia Commercial, 1909.

GONDIM, Isabel. **Sedição de 1817 na província ora estado do Rio Grande do Norte**. Natal: Imprensa, 1908.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação: intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. *In*: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

JORNAL DO RECIFE. Concelho Superior de Instrução Pública. **Jornal do Recife**, n. 98, p. 3, 2 de maio de 1897.

JORNAL DO RECIFE. Instituto Archeologico. **Jornal do Recife**, n. 27, p. 1, 28 de novembro de 1892.

JORNAL DO RECIFE. Sedição de 1817. **Jornal do Recife**, n. 171, p. 3, 26 de julho de 1884.

JORNAL DO RECIFE. Sedição de 1817. **Jornal do Recife**, n. 241, p. 1, 23 de outubro de 1908.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Escritoras oitocentistas: Isabel Gondim e Anna Ribeiro. **Educação e Linguagens**, Ano 11, n. 18, p. 84-106, 2008.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Isabel Gondim**: uma nobre figura de mulher. Natal: Terceirize, 2003.

NOBRE, Manoel Ferreira. **Breve notícia sobre a província do Rio Grande do Norte**. [1877]. 2. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.

REVISTA ILLUSTRADA. Reflexões a minhas alumnas. **Revista Illustrada**, n. 208, p. 5, 1880.

REVORÊDO, Jacqueline da Silva. **Isabel Gondim x Francisca Izidora**: duas visões do amor no teatro no limiar no século XX. 2002, 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SANTOS, Ane Luíse Silva Mecnas. Sob o falso prestígio do maravilhoso: o ensino de História nos pareceres de 1883. **História & Ensino**, v. 2, n. 25, p. 115-137, 2019.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Um operoso e erudito estudioso da história de nossa pátria”: Raphael Galanti e o ensino de História do Brasil (1896-1917). **IHS: Antiguos jesuítas en Iberoamérica**, v. 7, n. 2, p. 42-62, 2020.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Scenas da História do Brasil: Esmeralda Masson de Azevedo e a escrita de livros escolares para crianças. **História Hoje**, v. 6, n. 12, p. 204-230, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil. 9 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 231-270.

SILVA, Maiara Juliana Gonçalves da. Literatura na Província: reflexões sobre o movimento literário natalense em tempos pré-republicano (1861 – 1889). *In*: COSTA, Bruno Balbino Aires da; FERNANDES, Saul Estevan. **Capítulos de história intelectual no Rio Grande do Norte**. Natal, RN: EDUFRN, 2018.

SOARES, Lênin Campos. Isabel Gondim, a historiadora. **Natal das antigas**. Natal, 2019. Disponível em: <https://www.nataldasantigas.com.br/blog/isabel-gondim-historiadora> . Acesso em: 2 maio 2020.

Recebido em: 20 de Setembro de 2021

Avaliado em: 10 de Dezembro de 2021

Aceito em: 10 de Dezembro de 2021



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaigual CC BY-SA

1 Doutora em História; Mestra em História dos Sertões; Professora do DHC-UFRN. E-mail: ane.mecenas@ufrn.br

2 Doutor em Educação; Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIT.
E-mail: cristianoferronato@gmail.com

